

Leonardo Boff*

Não tememos a noite sombria de nosso tempo porque amamos as estrelas

São muitos atualmente que perderam a esperança de que, no quadro atual sinistro, tenhamos ainda algum futuro. Há demasiada maldade, genocídio a céu aberto e vergonhosamente feito por aqueles que o praticam, Israel e os Estados Unidos da América, ainda escandalosamente apoiados por alguns países europeus, nomeadamente pela Alemanha, esquecida do holocausto nazista.

Assistimos, estarecidos, uma grande nação, aquela que dispõe de mais meios de destruição em massa e até de aniquilação da vida sobre a Terra, a Rússia, a arasar uma nação vizinha com grandes tradições culturais e os famosos e sábios contos rabínicos, a Ucrânia. Terrível está sendo a guerra dos USA e Israel contra o Irã, destruído uma das civilizações mais antigas, com uma ferocidade que não escolhe seus alvos, tudo é atacado, incluindo escolas de meninas.

Acresce ainda a absurda acumulação de fortunas em pouquíssimas mãos, pois, 8 pessoas, possuem individualmente, a riqueza equivalente ao que possuem 4,7 bilhões de pessoas. Nestes não se nota nenhuma sensibilidade humana face a seus semelhantes, tratando-os como zeros econômicos, descartáveis e considerados sub-humanos: os milhões que vivem nas periferias das grandes cidades do Norte Global (só nos EUA vivem 30 milhões de pobres) e enchem, aos milhões, as metrópoles do Sul Global.

Abstenho-me de referir à grave ameaça da Sobrecarga da Terra, com severos limites da produção de bens e serviços que sustentam a vida (precisamos hoje já de 1,7 Terras). Nem mesmo do crescente aquecimento global do planeta Terra que se até 2030-2035 não for detido no máximo de crescimento de 1,5°C, com referência à era industrial (1850-1900) causará uma inexorável dizimação de vidas na natureza e na humanidade.

Como ainda ter esperança num drama destas proporções? Entendemos as preocupações de analistas do curso do mundo que dizem: não é impossível que tenha chegado a nossa vez de desaparecer do processo da evolução, como centenas e centenas de espécies já desapareceram, depois de milhões de anos sobre a Terra.

Por isso sou pessimista porque a realidade é péssima. No entanto, me declaro um pessimista esperançoso. Esperançoso porque se somos Terra que sente, pensa, ama e venera, temos a resiliência que a Terra mostrou nas 15 dizimações de vidas que sofreu ao longo de sua história de 4,5 bilhões de anos. A vida nunca sucumbiu. Depois de cada dizimação, atestam vários historiadores da vida Terra como Christian de Duve (Poeira cósmica: a vida como imperativo cósmico, 1995) ela, como que se vingando, produziu uma biodiversidade maior do que aquela que foi ceifada.

Como dizia o poeta alemão Friedrich Hölderlin "lá onde há perigo, cresce também o que salva" (wo

aber Gefahr ist, wächst auch das Rettende). O nosso perigo é inegável. Mas considerando que o ser humano é um projeto infinito, dotado de mil virtualidades, ele saberá face ao grande perigo forjar chances de salvação.

Sabidamente a história da vida não é linear. Ela dá saltos. O improvável pode se fazer provável. E o inesperado pode acontecer. Era seguramente improvável que um negro, Barack Obama, dada a discriminação que sempre sofreu pelos supremacistas brancos, chegasse à Presidência dos EUA. E chegou. Quem poderia imaginar que, numa sociedade machista como a brasileira, uma mulher se tornasse Presidenta do Brasil, Dilma Rousseff? E chegou.

Tenho a convicção que animava o paleontólogo e místico Pierre Teilhard de Chardin de que a humanidade, num momento grave de sua história, especialmente sabendo que poderá se autodestruir, cairia em si e se daria conta de seu lugar no conjunto dos seres e de sua responsabilidade pelo futuro da vida. Daria um salto quântico em sua consciência e definiria um outro rumo à sua história. Faria-se a guardiã e a cuidadora da sagrada herança que herdou, a Terra e de todos os seus ecossistemas com os seres que neles habitam. Perceberia que é parte e parcela da natureza, confraternizada com os demais irmãos e irmãs nela presentes. Amaria e ornaria a Casa Comum na qual todos caberiam com suas diferenças mas numa profunda unidade.

Isso está dentro das possibilidades humanas. Somos seres naturalmente de cooperação e de sensibilidade face aos mais vulneráveis. Em nosso profundo, como dado objetivo, atestado pela new science somos seres espirituais, capazes de identificar aquela Energia de Fundo (Aquele Ser que faz ser todos os seres) que tudo penetra e sustenta. James Watson comprovou que em nosso DNA está o amor, a força maior do universo (DNA: o segredo da vida, 2005). Com todas estas positivities vamos ainda fazer uma dolorosa travessia até chegarmos a uma forma amorosa e fraterna de convivência.

Não estamos diante de uma tragédia anunciada, mas no coração de uma crise de nossos fundamentos que vai nos acrisolar, purificar e permitir dar um salto, habitando um mundo que juntos podemos fazê-lo existir sustentavelmente. Depende de nós impedirmos que as atuais crises virem tragédias.

Por isso, não tememos a noite sombria de nosso tempo porque amamos as estrelas, nossas irmãs. Esperamos a aurora que se anuncia.

*Leonardo Boff escreve para a revista **LIBERTA do ICL** (<https://www.revistaliberta.com.br>); **escreveu também O doloroso parto da Mãe Terra, Vozes 2021** (<https://www.leonardoboff.org>)

EDITORIAL

Entre a memória curta e o risco permanente

A segurança hídrica de São Paulo segue sustentada por um paradoxo incômodo: após enfrentar uma das mais graves crises de abastecimento de sua história recente, o estado ainda opera como se o problema tivesse sido superado, e não apenas adiado. A sensação de normalidade, alimentada por períodos de chuva e reservatórios em níveis aceitáveis, mascara uma vulnerabilidade estrutural que permanece intacta.

O Sistema Cantareira, principal fonte de abastecimento da Região Metropolitana, continua simbolizando essa fragilidade. Seus níveis oscilam conforme o regime de chuvas, mas o modelo de gestão permanece excessivamente dependente de fatores climáticos cada vez mais imprevisíveis. Em um cenário de mudanças climáticas, confiar na regularidade das chuvas deixou de ser estratégia, é aposta. Eventos extremos, como estiagens prolongadas e chuvas concentradas, tendem a se intensificar, tornando o sistema ainda mais instável.

O avanço urbano desordenado agrava o quadro. Áreas de manancial seguem pressionadas pela ocupação irregular, enquanto a demanda cresce de forma contínua. A impermeabilização do solo reduz a capacidade de recarga natural dos reservatórios, ao mesmo tempo em que amplia riscos de enchentes. O resultado

é uma equação conhecida: mais consumo, menos previsibilidade e infraestrutura que não acompanha o ritmo da expansão.

Apesar dos alertas recorrentes de especialistas, o poder público ainda reage mais do que antecipa. Investimentos em diversificação de fontes, redução de perdas na distribuição e preservação ambiental caminham em ritmo aquém do necessário. A crise passada gerou medidas emergenciais e campanhas de conscientização, mas não consolidou uma política de longo prazo capaz de enfrentar o problema em sua raiz.

A questão central não é se São Paulo enfrentará nova crise hídrica, mas quando e com que grau de preparação. Ignorar essa realidade é repetir um erro já conhecido: tratar a água como recurso garantido em vez de bem estratégico, essencial à estabilidade econômica e social.

Um estado que concentra o maior peso econômico do país não pode depender de soluções improvisadas para algo tão essencial. A segurança hídrica precisa deixar de ser pauta de emergência e se tornar política permanente, baseada em planejamento, investimento e responsabilidade compartilhada. Caso contrário, São Paulo continuará refém de sua própria imprevisibilidade, à espera da próxima estiagem para lembrar daquilo que nunca deveria ter sido esquecido.

Opinião do leitor

Apoio

Papa Leão XIV reage e diz que "não tem medo" de Trump: "Vou seguir firme contra a guerra, há um caminho melhor". Meu total apoio ao Papa, ainda que tão pequeno. A paz é possível...

José Ribamar Pinheiro Filho
Brasília - Distrito Federal

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA



ct_Titulo Historia

Itior isquam con sulinat quodit; Cas nul ura, pri ium aut L. Simum auc oca nos, publinum conequam pondam hae inam prae manum facre ium opotant? Iris, etem es faut orusque cla et, que me pubi facchil vil vivis inveres vivas ia L. Ebem publina tie-

nis, sensima ntratum is, nost? iam, quium hui pra quos, uturs consigno. An virmae ad pror es faut orusque cla et, que me pubi facchil vil vivis inveres vivas ia L. Ebem publina tienis, sensima ntratum is, nost? iam nprnpnprnpnprnpn,

ct_Titulo Historia

Itior isquam con sulinat quodit; Cas nul ura, pri ium aut L. Simum auc oca nos, publinum conequam pondam hae inam prae manum facre ium opotant? Iris, etem es faut orusque cla et, que me pubi facchil vil vivis inveressimus Mula note con ina

prox nonsime mo etrum inertat iquastrum iam pro vivas ia L. Ebem publina tienis, sensima ntratum is, nost? iam Olore voluptassi aut unt ulpa sunt utem ea que ducid quossi con re nonsequ odigni doluptas rectatur mos dolorum il mint aut quamus,

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) • Paulo Bittencourt (1929-1963) • Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Cláudio Magnavita (Publisher)
claudio.magnavita@gmail.com

Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação), Anderson Sâ e Thiago Ladeira

Telefones: (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872
Whatsapp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Núcleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-20

São Paulo: Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo-SR - CEP 05001-200
Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas-SP, CEP 13010-132

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.